

## **Um romantismo mais do que tardio: a permanência dos conceitos românticos até os dias atuais vistos pelo mito do vampiro.**

*A romanticism more than late: the permanence of romantic concepts to this day seen by the vampire myth.*

Fabricio Pereira Korasi

Centro Universitário Senac

Docente na Pós-graduação EAD – Gestão Cultural

Escola Superior de Administração e Gestão STRONG ESAGS

Docente na Graduação em Publicidade e Propaganda

[professorfabriciokorasi@gmail.com](mailto:professorfabriciokorasi@gmail.com); [fabricio.pkorasi@sp.senac.br](mailto:fabricio.pkorasi@sp.senac.br)

**Resumo.** Esse trabalho faz uma análise das características da estética do Romantismo através do mito do vampiro. Uma trajetória analítica da construção do Vampiro Clássico Romântico, iniciada por Bram Stoker: Drácula sob as características românticas. A partir desse estereótipo criado, o Romantismo e a figura do vampiro foram reproduzidos e adaptados ao momento social vigente, culminando na criação do Vampiro Malhação. Toda essa trajetória é importante para perceber como que as características estéticas do romantismo são presentes até os dias de hoje.

**Palavras-chave:** Romantismo, Vampiro, Permanência, Mito, Sociedade.

**Abstract.** *This paper analyzes the characteristics of the aesthetics of Romanticism through the vampire myth. An analytical history of the construction of the Classic Romantic Vampire, started by Bram Stoker: Dracula under the romantic characteristics. From that stereotype created, Romanticism and the figure of the vampire were reproduced and adapted to current social moment, culminating in the creation of the Vampire Malhação. Whole trajectory is important to understand how the aesthetic characteristics of romanticism are present to this day.*

**Key words:** *Romanticism, Vampire, Permanence, Myth, Society.*

## 1. O vampiro e o romantismo

A intenção do artigo é explorar a relação da estética do Romantismo vinculada ao mito do vampiro. O Romantismo possuiu várias vertentes como literatura, artes visuais, teatro, entretanto, o que será utilizado são as características permanentes, ou principais, pois são essas, que irão permanecer dentro da construção do mito do vampiro até hoje.

O mito, em sua forma de estudo, pode ser percebido de maneira racional, representado realidades e verdades, sendo possível aplicar, sobre seu estudo, quaisquer tipos de metodologias de pesquisa. Ele pode ser explorado nos mais diversos âmbitos. Ele se torna uma religião natural do gênero humano. O vampiro adequa-se a essa visão, pois ele é um ser mutante ao seu tempo e espaço, construído sob a visão do momento social vigente.

Outras interpretações, [...], viram nos mitos uma representação da vida passada dos povos, sua história, com seus heróis e suas façanhas, sendo de alguma maneira representada simbolicamente ao nível dos deuses e de suas aventuras: o mito seria uma dramaturgia da vida social ou da *história poetizada*. (CHEVALIER e CHEERBRANT, 2009, pg. 611)

O mito do vampiro, desde sua origem foi baseado em uma construção de história oral<sup>1</sup>, sem aqui querer discutir validades ou veracidades, lendas que agregaram valores culturais e moldaram-se em um ser único, mas passível de transformações. Sendo esses valores históricos trazidos por hipóteses orais o mito em si sofreu mudanças pertinentes aos valores culturais regidos por seus tempos.

Assim, dentro da ideia de que é algo refletido na sociedade, o mito do vampiro passou por diversas transformações e conseguiu permanecer “vivo” dentro de diversas culturas, mantendo ou modificando suas características. A estética do Romantismo, surgida no final do século XVIII e início do XIX, conseguiu, pela literatura e pelas artes plásticas, introduzir características que ainda hoje são percebidas em diversas manifestações culturais.

Diante de uma sociedade industrial do século XVIII, e frente à estética do Neoclássico, que valorizava o padrão e a razão sem elementos fantásticos, os românticos buscaram diversas referências – estéticas, sociais, do próprio desenvolvimento pós-revolução – para desenvolver uma nova maneira de agir, sentir e viver, acreditando que a industrialização havia burocratizado demais o modo de vida, engessando, todas as atividades sociais.

Ainda com algumas camadas sociais atuantes – como nobreza e sua aristocracia eleita e a burguesia, oriunda dos mercadores e industriais no pós-revolução inglesa – os românticos, cansados e amargurados com o rumo burocratizado que a sociedade estava tomando, tinham a necessidade de buscar uma interiorização, um mergulho nos valores pessoais, para conseguir um equilíbrio de vida, uma busca pelo eu interior, distante do mundo exterior industrializado e da sociedade massificada.

O mito do vampiro foi idealizado frente a uma sociedade cheia de contradições, de um lado uma sociedade burguesa filha da revolução industrial, de outro, uma nova ordem romântica, conflituosa e contra a mecanização do homem. O mito fora baseado sob estrutura física dos aristocratas, e, também, com o psicológico baseado em sentimentos de busca de seu EU, com as amarguras sociais dos românticos.

A figura do vampiro, frente a seus problemas de solidão e com sua vida eterna, percebera que um distanciamento da sociedade era inevitável, pelo fato de não poder andar durante o dia, ser imortal e ser um agente causador de medo. Sua ausência social necessitava de um local físico para habitar, que representasse seu poder e ao mesmo tempo causasse o sentimento de distanciamento. Por essa necessidade, castelos, que tinham em sua construção as referências das antigas catedrais, e que representavam a moradia da nobreza – serviram como influência para a alocação do vampiro em grandes castelos,

sombrio e escuro, mas que, ao mesmo tempo, representava todo estereótipo de um aristocrata.

As histórias de vampiros sempre proporcionaram interpretações, levando ao estudo histórico de evolução social, assim, segundo Rocher, 1989, é um conjunto de transformações sociais ocorridas em uma sociedade ao longo de muito tempo. Assim, revelando características sociais, políticas e artísticas, conseguindo fazer uma convergência com a sociedade a que está atrelada.

A fim de se compreender a percepção atual do vampiro, é útil examinar a forma como têm evoluído culturalmente algumas influências originais de sua imagem através dos séculos. A crença em criaturas vampíricas provavelmente remonta às experiências humanas muito antes do advento da palavra escrita. [...] Contos modernos e antigos sobre chupadores de sangue, voadores notívagos e sobrenaturais, tais como a *lâmia* (bruxa, na mitologia grega), são característicos, sob muitas formas, de muitas culturas mundiais. (MELTON, 2008, pg. 9)

Como proposta desse estudo, é necessário precisar a mutação<sup>2</sup> da figura do vampiro Romântico, imbuído de um repertório estético e social, para uma sociedade contemporânea.

A Revolução Industrial do século XVIII e a ascensão da burguesia marcaram uma forte transformação na aristocracia europeia, romperam com estereótipos e proporcionaram, aos românticos do século XIX, encontrar liberdades estéticas e criar novas características que embasaram os Vampiros.

A tecnologia, a velocidade e os anseios por mudanças de uma racionalização extremada construída no século XVIII, pela Revolução Industrial e pela estética do Neoclássico, desenvolveram um sentimento de culpa, uma sensação de que toda tecnologia havia ajudado a acabar com os sonhos e expectativas das pessoas, ou seja, apesar de todo benefício que a tecnologia trouxe para o mundo e para a sociedade, as inovações deixaram a sociedade mecanizada e burocratizada, racionalizando inclusive os sentimentos. Esses aspectos trouxeram, segundo Argel e Neto, 2008, pg. 42, "algo perturbador, uma impessoalidade, uma solidão e alienação que foram criadas pelo enorme crescimento das cidades".

Foi dentro dessa perspectiva e sob a ótica da estética do Romantismo que, filósofos e artistas, bem como a sociedade, ansiavam por mudanças, um retorno do EU – voltar a compreender que a sociedade não deveria estar baseada somente em máquinas e indústrias, mas também, no ser humano e como ele deixara de se interessar pelo homem em detrimento da máquina –, uma autoanálise que culminaria em uma busca pela reumanização, deixada de lado pela adoração às novas máquinas, destruída por todo processo de uma sociedade estereotipada industrialmente.

Assim, segundo Deleuze, 2000, as sociedades modernas nasceram de um fracasso da representação, tendo em vista uma sociedade "burocratizada" advinda da Revolução Industrial, com perdas de identidades, e foram criando representações, como no caso desse artigo – O vampiro – associada ao seu modelo romântico, numa tentativa de pensar essa diferença em si mesma. Deleuze o formulou: como a relação entre o diferente e repetição, prescindindo das formas de representação que as encaixam para o "Mesmo" e as fazem passar por o negativo.

Visualizando o novo desempenho social romântico, a repetição e a reexperimentarão de significados pré-estabelecidos socialmente, o vampiro acompanha a sociedade em suas mudanças, como um ritual de legitimação.

Essa correlação entre Vampiro e sociedade romântica pode ser compreendida como anormal, pois destacou seres como o Vampiro, um monstro, um ser fora dos padrões humanos, mas com forte apelo popular, ou seja, os escritores apontavam o vampiro como um lado oculto do ser humano, algo inerente e escondido, mas que, por vezes, apareceria. Assim, como em *Os Anormais, de Foucault, 2010*, e pelo seu conceito de anormal vincula a sociedade do final do século XIX e início do XX com o monstro humano, o incorrigível e o onanista, na qual cada um possuía sua parcela de monstruosidade, impossibilidade, proibição, perigo e perversão, estabelecendo uma relação de reciprocidade, revelando como o vampiro fez parte dessa sociedade em transformação, recebendo características sociais para moldar-se e fundir-se, sendo esse o estereótipo conhecido e perdurado ao longo dos tempos, um humano anormal, escondido, aterrorizante que se revelava para amedrontar os padrões éticos sociais.

Assim percebemos como o mito foi construído socialmente, se adequando aos costumes das elites e avanços tecnológicos, chegando, até os dias de hoje, ao "Vampiro-Malhação<sup>3</sup>", que por sua adaptabilidade, além de características românticas, está hoje inserido na sociedade e cultura pop, deixando de ser aquele monstro soturno e temido para frequentar universidades, escolas, bares, reivindicar direitos e deveres constitucionais, como se fossem cidadãos comuns. Ou seja, o ser anormal, atualmente, inverte os valores do Vampiro Clássico sem perder sua essência.

Questões sociais e a construção do mito vampírico, podem ser observadas, em consonância com Elias, 1994a, pg.22," à medida que nem indivíduo nem sociedade conseguiriam existir isoladamente e, toda e qualquer modificação que acontecesse em sua estrutura social deveriam ser afetadas pelas modificações das personalidades do indivíduo." Indivíduo, sociedade e mito caminhariam juntos em uma relação de interdependência, sendo que qualquer alteração modificaria todo o sistema, toda alteração nas estruturas sociais, germinadas no seio das relações sociais, acabariam por remodelar as bases de personalidades dos indivíduos.

Assim, ainda conforme Elias, entre os anos de 800 e 1900, percebeu-se que as mudanças civilizadoras derivaram das transformações na estrutura social, possuindo uma forte correspondência entre evolução das estruturas sociais e da estrutura de personalidade individual. O vampiro, por fazer parte das lendas e tradições, seguindo essa lógica, deveria ser moldado a toda e qualquer alteração, o que se percebe até os dias de hoje.

Justificando essa relação entre Romantismo, vampiro e sociedade, podemos observar duas literaturas distintas sobre Vampiro, de épocas distintas, e que apresentam o mito estereotipado dos dias de hoje, revelando as permanências das características da estética do Romantismo. Em um primeiro momento o vampiro era visto como monstro, até o advento do cinema no início do século XX e, após a década de 70, esse mesmo mito evoluiu até chegar ao status de herói<sup>4</sup>.

Em uma primeira literatura temos *Drácula*, de Bram Stoker, com seu vampiro aristocrata. A segunda literatura fica por conta do ano de 1976, quando a escritora Anne Rice escreve *Entrevista com vampiro*, um livro que relata como um vampiro, ainda sob os estereótipos da nobreza – vestes, modos, éticas, moralidades – avança os séculos, em sua existência, valendo-se e vivendo sob valores do século XIX, até o ponto de ver, novamente, o nascer do sol no cinema. Ou seja, o vampiro adequou-se à evolução tecnológica para suprir uma necessidade previamente retirada de sua existência.

Claro que Nova Orleans havia mudado. Mas em vez de me lamentar pelas mudanças, me senti grato por ainda parecer a mesma. Consegui achar no Garden District, que no meu tempo fora o Faubourg St. Marie, uma das sólidas e velhas mansões daquela época, tão afastada da rua calma que, andando ao luar sob os pés de magnólia, percebi a mesma doçura e paz que conhecera nos velhos tempos [...] Na Rua Royale, onde conduzi Armand por entre

turistas, antiquários e portas freneticamente iluminadas de restaurantes da moda, fiquei surpreso ao descobrir a casa onde Lestat, Cláudia e eu montáramos nosso lar, a fachada levemente transformada por uma pintura nova e alguns reparos que tinham sido feitos em seu interior. Suas duas janelas francesas ainda se abriam para pequenos balcões do sobrado, e pude ver, no brilho suave de lustres elétricos, um elegante papel de parede que não era difícil de ser encontrado antes da guerra. (RICE, 1992, pg. 293).

Enquanto a adequação as novas tecnologias, seriam inevitáveis para que esses seres *anormais* pudessem estar inseridos a nova realidade social, os vampiros mantiveram reverberações do passado, algumas aversões ao processo científico/ tecnológico, com tradições e apreço a valores vitorianos, uma nostálgica relação com a natureza, que, apenas por certas aceitações e adaptações frente à nova realidade poderiam se inserir nesse contexto. Ou seja, o vampiro, teria que aceitar a tecnologia, mas nunca deixou de manter seus valores adquiridos em sua construção mítica do século XIX.

A partir do século XIX, a figura do vampiro se prestou à produção de várias metáforas. Entre elas àquela que exemplifica a exploração do outro. Há também o uso do Vampiro psíquico, um ser que não estaria preocupado diretamente com o sangue como fonte vital, mas sim preocupado em drenar a energia dos outros para si, causando enfraquecimento em detrimento de uma força momentânea. Uma necessidade, intencional ou não, de alimentarem-se para uma sobrevivida, uma tentativa de que, com a energia obtida de outros, poderiam curar-se de doenças.

Este é um tipo de vampiro de que a maioria nunca se dá conta, incluindo eles mesmos! Vampiros psíquicos não intencionais são pessoas que se alimentam da energia psíquica de outros inconscientemente. As razões pelas quais seus corpos assim o fazem variam de caso para caso, mas na maior parte eles "se alimentam" porque precisam da energia extra para sobreviver a alguma doença.

[...]

Dos quatro tipos, os vampiros psíquicos intencionais são aqueles que deveriam ser mais temidos. Isso por duas razões: eles não podem ser destruídos ou impedidos por quaisquer meios físicos, e como dois estudos mostram, aproximadamente uma em cada cinco pessoas é atacada por um vampiro desse tipo durante o curso de sua vida. (KONSTANTINOS, 2006, pg. 20-21)

Observando e analisando todas as características estéticas que o vampiro encarna, as ostentações romantizadas podem ter uma profunda equivalência com a realidade humana, construindo uma paridade entre o EU verdadeiro<sup>5</sup> e o EU vampiro<sup>6</sup>, ou seja, uma possível associação com mudanças de humor e ações que podem ser julgadas como díspares ou congruentes. O que pode ser visto e analisado, é uma livre associação entre o mito do vampiro e a psicologia. Alguns aspectos do inconsciente saem das trevas e caminham para a consciência, simbolicamente compreendidas pela luz.

De acordo com Foucault, 2006, a gênese do mito do vampiro, as relações do sangue e do sexo estariam, intrinsecamente, ligadas à vontade de exercer o poder sobre o indivíduo. Assim como em várias sociedades a relação de poder e força estavam ligadas à permanência da linhagem sanguínea no controle, o sangue estabelecia um importante mecanismo de poder. O vampiro mantinha seu poder e força sobre o indivíduo através do sangue, o que diferencia é que, para o mito, o que vale é a retirada do sangue (sorver o sangue de suas vítimas) em detrimento do poder, e não sua manutenção. O vampirismo

“clássico” é pautado na mitificação sanguínea, da qual o sangue é um grande agente social, ele determinava a dominação do mais forte sobre o mais fraco.

Por muito tempo, o sangue constituiu um elemento importante nos mecanismos do poder, em suas manifestações e rituais. Para uma sociedade onde predominam os sistemas de aliança, a forma política do soberano, a diferenciação em ordens e castas, o valor das linhagens, para uma sociedade em que a fome, as epidemias e as violências trinam a morte iminente, o sangue constitui um dos valores essenciais; seu preço se deve, ao mesmo tempo, a seu papel instrumental (poder derramar o sangue), a seu funcionamento na ordem dos signos (ter um certo sangue, ser do mesmo sangue, dispor-se a arriscar seu próprio sangue), a sua precariedade (fácil de derramar, sujeito a extinção, demasiadamente pronto a se misturar, suscetível de se corromper rapidamente). Sociedade de sangue - ia dizer de 'sangüinidade': honra de guerra e medo das fomes, triunfos da morte, soberano com gládio, verdugo e suplícios, o poder falar através do sangue; este é uma realidade com função simbólica. Quanto a nós, estamos em uma sociedade do 'sexo', ou melhor, 'de sexualidade': os mecanismos do poder se dirigem ao corpo, à vida, ao que a faz proliferar, ao que reforça a espécie, seu vigor, sua capacidade de dominar, ou sua aptidão para ser utilizada. (FOUCAULT, 2006, pg. 160)

Alguns desses escritores pertenceram à chamada segunda geração do movimento romântico, também conhecidos como “ultra-românticos” em Portugal e no Brasil, aqui influenciados por Lord Byron (1788–1824), que cultivavam o lúgubre e a atração pela morte.

## **2. O Vampiro Romântico**

O vampiro povoa há séculos o imaginário humano, mas que para se tornar o vampiro de tez pálida, bebedor de sangue, que teme o alho e a cruz – características reunidas pela primeira vez por Stoker – passou por um longo processo. (RODRIGUES, 2008, pg. 23)

O mito do vampiro, como conhecido até hoje, ganhou força e divulgação a partir do folclore da Europa Oriental no final do século XVII e início do XVIII. Esse tipo de mitificação foi a base para a construção da tradição do vampiro na literatura da Alemanha e da Inglaterra posteriormente, agregando, assim aos valores culturais de cada região.

O mito, antes fortemente associado a questões religiosas, migrou para uma seara laica, burguesa. Tornou-se a expressão de uma nova geração marcada pelas transformações industriais, pelo processo técnico científico e pelo desenvolvimento industrial.

O novo ideal de vida burguês, fora, contudo, criado de maneira ambígua: enquanto, pelo viés político-econômico o burguês agiria como “senhor”, voraz, predador, competitivo, desmedido por vezes a atingir suas metas, pelo viés familiar não conseguia se desvencilhar de alguns tradicionalismos. Para o burguês, a família deveria ser defendida frente aos ideais, incertos, liberais.

Dentro do mundo burguês, o vampiro fora enquadrado como um agente perturbador, pois, aparecia como “algo” também voraz, predador e, ao mesmo tempo, com certas tradições familiares, protegendo sua “família” e demonstrando seu poder frente aos frágeis humanos.

Assim, o mito do vampiro que era extremamente ligado às questões religiosas da antiguidade, passou a fazer parte de uma sociedade remodelada. De acordo com Foucault,

2008, uma nova maneira de controlar àqueles que não condiziam com as regras e padrões de moralidade, dentro das novas relações sociais, deveriam ser vigiados e não excluídos, mas, caso transgridam alguma ordem deveriam ser punidos. Uma sociedade que vigiava e punia, que, a partir de então, disciplinava. O vampiro, nesse momento, continua a ser temido, mas começou a ser perseguido, julgado e condenado, assim, fazendo parte desse novo modelo social, pois era um transgressor. Mesmo com receio do vampiro, por consentir seus "poderes sobrenaturais", essa massa de poder tentaria controlar, em uma experiência de força frente ao mito.

Dentro dessa nova ordem social que enquadrava o vampiro, a primeira peça de ficção em prosa sobre os vampiros é creditada à Lord Byron, *The Vampire*, 1819. Esta que, de fato, fora escrita por seu médico pessoal John Polidore, que adaptara uma história fragmentada e enigmática relatada por seu paciente.

Sua construção estética passou a ser associada aos nobres, mais precisamente ao próprio poeta Lord Byron, altamente conhecido, como pessoa, poeta e por frequentar festas em Londres. A mitificação física do vampiro passa a ser creditada aos membros da alta sociedade, vinculando-o ao nobre e ao misterioso. Elegante, rico, poderoso e recheado de mistérios e excentricidades.

Essa nova construção estética atrelada ao nobre é a mais vista e utilizada até hoje, sendo totalmente diferente da visão estigmatizada de mortos vivos que saíam da terra, conhecida no folclore popular. Assim, a construção mais comum do vampiro, foi produzida pelos próprios membros da alta sociedade, vinculando um ser espetáculo a outro ser espetaculoso, dissociando totalmente do feio, sujo e incrédulo, como eram vistos os populares.

No final do século XIX, já com tons da estética do Realismo, mas sem perder a anuência romântica, em 1897, o escritor irlandês Bram Stoker lança seu romance *Drácula*, que resgatou o mito do vampiro aristocrata. Nesse livro o vampiro é um nobre vindo de terras distantes em busca de vítimas, deseja o sangue, é misterioso e sedutor.

Drácula foi considerado como um vilão definitivo, elaborado sob um pano de fundo gótico para a história do profano predador aristocrático saído do túmulo, que hipnotiza, corrompe e se alimenta de belas jovens. Stoker revelou o impacto em conotações psicosssexuais, envolvidas no relacionamento entre vampiro e vítima, demonstrando a relação entre a ânsia por sangue dos mortos-vivos e a sensualidade reprimida dos simples mortais. Esse elo psíquico é profundo quando uma vítima do sexo feminino é forçada a beber o sangue de Drácula como parte do processo de transformação em vampira<sup>7</sup>.

Apesar de tantos vampiros famosos terem influenciado o mundo fictício, nenhum teve tamanha importância quanto Drácula de Bram Stoker de 1897. Isso se somou ao retrato apresentado do vampirismo como um ser doente, possuído pelo demônio, algo contagioso, com seus matizes de sexo, sangue e morte. Dessa forma, sensibilizou a Europa vitoriana a qual era assolada pela tuberculose e pela sífilis, doenças que serviram como influência estética da fisionomia vampírica.

Um processo de aculturação entre os mitos e tradições vampíricas populares e as características criadas por Stoker foram de importância extrema para o vampiro evoluir ao da ficção contemporânea.

No ideário romântico, a realidade era aterrorizante, a vida era cheia de pavor e morte, o Vampiro exaltava esses sentimentos aos mortais, o ser morto que voltava para agourar uma vida desgraçada. Assim, metaforizando com Foucault, 2005, o vampiro, em uma livre associação com o monstro, seria aquele ser que estaria além da sociedade considerada "normal", um agente externo, que permaneceria e se fundiria à sociedade comum. Um ser que se moldaria a esse ideário romântico e manteria o mito vivo e permanente, aculturado a sociedade.

A sociedade romântica possuía agora um medo moderno, uma confusão que fora gerada pela necessidade de confessar suas angústias e temores e a contrariedade ao momento industrializado, extremamente racional e tecnológico, os perigos da intimidade e os segredos que não deveriam ser expostos, o que não se pode falar. Novos costumes que acompanhariam o vampiro. Para os românticos a morte é uma maneira de transformação e sua ânsia seria o desejo de uma vida elevada, quase que uma vocação para o mundo invisível, por sua vez, o vampiro é a personificação da morte e da transformação.

Outro fator convergente é a questão da noite. Ela é a representação do tempo, um princípio materno, como abrigo, afirma Safranski, pg. 114. "Tu te desfarias em ti mesmo/ No espaço infinito/ Morrerias, /Se ela não te segurasse/ Não te prendesse/ Tu te tornarias quente/ E em chamas gerarias o mundo.". Como observação vampírica, o tempo romântico está convergindo com a ideia de que o vampiro é o próprio tempo, sua imortalidade recai sobre todos e, geralmente, nas noites. "Tudo que nos deixa entusiasmado não traz as cores da noite?".

Com o tempo, o vampiro, passou a ser o senhor da noite, ter vida eterna – sendo apenas morto por: luz do sol, estaca no coração, cabeça cortada – mantendo sua aparência de quando foi transformado, erotizando as mulheres. Uma figura atrativa, de acordo com cada produção cultural de cada época e local, entretanto, no Romantismo, um modelo católico foi adotado a fim de tecer críticas ao contexto social e tabus sexuais.

Além desses fatores, algo doentio que, por razões sociais, tinha um aspecto de positivo e sublime: A tuberculose. Os românticos, aliados as condições precárias de higiene, acreditavam sentir a dor do mundo em seu peito, o sofrimento necessário, entretanto sofriam mesmo de tuberculose. O vampirismo pôde ser associado e esse mal, muito comum no século XIX, devido à falta de imunização. A tuberculose era muito determinada e de difícil combate, visto o modo como a sociedade vivia em relação ao trabalho, a vida e a convivência, uma vez que é transmitida por uma bactéria<sup>8</sup>.

A relação com o vampiro deu-se pela associação do doente à palidez, aversão ao sol, tosse com sangue e olhos avermelhados, características comuns ao mito. Como forma de controle dos vampiros, comumente explicado pelas mitologias, utilizavam estacas para prender o morto ao caixão, evitando que ele se levantasse de sua morte. Assim, muitos mortos pela tuberculose eram estacados junto ao caixão, pois, mesmo mortos as unhas e cabelos continuam a crescer, e nas fases mais agudas da doença havia muita perda de sangue.

Essa enfermidade possuía traços físicos como palidez alva e rubor vermelho, alguma hiperatividade noturna e languidez diurna. Ao portador restara ver sua vida ser exaurida, entretanto vivia-se plenamente, vendo cores e contrastes com maior vividez, enquanto esperava a morte lhe tirar anos de seu destino. Ainda assim a morte sempre fora vista de maneira terrível.

Era belo, elegante e sublime sofrer de tuberculose e, como uma doença dos pulmões, era, metaforicamente, uma doença da alma. Era a doença das paixões, aquelas que calam fundo a alma. A febre não era apenas um sintoma, era um sinal de "chama interior" – o corpo era consumido por essa chama. A tuberculose, e sua "romantização", foi o primeiro grande exemplo de larga difusão do ser moderno: promover o eu como imagem.

[...]

O vampiro, assim como o tuberculoso, despertava um desejo de salvação dos pecados, e a dor que perpassava o corpo e a alma, e que refletia em seus olhos, tornando-o desejável. Era mais que um compromisso sexual: era um desejo de tronar-se um herói para o outro, entregar-se àquela condição também, compartilhar como



moribundo suas agonias – o desejo pelo doente implicava a vontade de também estar doente. O desejo pelo vampiro estava em compartilhar com ele sua imortalidade, confrontá-lo em sua solidão e dividir suas dores. (RODRIGUES, 2012, pg. 36-37.)

Assim como a aparência física romântica do vampiro, uma característica que perdura até hoje, e que tem um valor simbólico muito forte é o sangue, considerado como o líquido da vida, àquele que alimenta o corpo ou sua debilidade. Pode ser visto como símbolos de poder, de realeza e valores.

O sangue, durante muito tempo, constituiu um elemento importante nas manifestações dos mecanismos de poder. Em sociedades nas quais predominavam os sistemas de alianças, a política determinada pela existência do soberano, o valor das linhagens e o valor da hereditariedade – sociedade beligerante em que a morte era iminente, seja pela violência ou pelas epidemias – o sangue, sem dúvida, constitui um dos recursos essenciais, por seu papel instrumental (poder de derramar o sangue); seu papel nos signos (proveniência do sangue, ser do mesmo sangue); arriscar seu próprio sangue (sua precariedade; sujeito à extinção, pronto a se misturar, corruptível). (RODRIGUES, 2012, pg. 63).

Desde sempre, para o *morto-vivo* ou o próprio vampiro, o sangue representa o ícone de sua vida, a continuidade do que seria o viver. Sem o mesmo, ele não morre, mas tem perda de consciência, respiração e movimentos, ficando letárgico e vulnerável.

Como significado relacionado ao mito e a sociedade, circunda na esfera religiosa, estando relacionados a sacrifícios, como os pagãos que derramavam sangue para divindades, até o mito católico contemporâneo, na qual, em qualquer igreja, na eucaristia, observamos a representação do corpo e do sangue de Cristo.

Assim, o mito significaria algo verdadeiro que estava implícito na sociedade e foi inserido nas tradições culturais, mesmo que, por vezes, não percebido claramente. Esse caráter de estar oculto do mito, poderia ser uma característica marcante em sociedades contemporâneas.

O vampiro ficara confinado ao subconsciente de uma sociedade que pregava a realidade e tudo aquilo que era concreto para ser considerado como verdade. O mito assumiu seu posto de lenda e ficou restrito às literaturas do passado. Ou seja, o Vampiro Romântico, o lado perverso e obscuro do ser humano, foi debelado por uma sociedade que omitia o fantástico e misterioso simplesmente por não ser totalmente concreto. O mito fora trancado em seu caixão justamente por não representar fielmente uma realidade racional intelectual da sociedade moderna<sup>9</sup>.

O mito, apesar de estar no subconsciente da sociedade realista, também pôde ser observado dentro do contexto do ser humano herói, pois, se, como já explanado anteriormente, o vampiro pode ser o EU oculto do homem, ele deve ser combatido dentro de suas tarefas diárias. Todos os conflitos, receios e medos, bem como faces perturbadoras do indivíduo teriam que ser resolvidas ao longo de sua jornada diária, não deveria ser exposta nem extravasada, mas sim omitida ou confrontada. Resolvida.

Um herói essencialmente humano que precisa, necessariamente, controlar suas paixões, explorar as artes, elaborar as instituições econômicas e culturais do Estado – isto em um sentido mais amplo. O que se faz necessário realmente é que o herói tenha um espírito humano perfeito, alerta a todas as necessidades e esperanças do coração. Neste sentido todos os componentes do grupo no combate

ao vampiro formam a jornada do herói. O grupo de homens seriam os heróis como redentores do mundo, pois a definição do guerreiro está atrelada à jornada do local de nascimento ou exílio de onde ele retorna para realizar sua grande tarefa: enfrentar o terrível para assim obter sua redenção; o trabalho do herói consiste em matar o aspecto obstinado do monstro e libertar, do banimento promovido por este aspecto, a criatura de acordo com as definições propostas pela moral de sua sociedade. Todos vêm ou vão para uma terra distante do local de nascimento em busca da reparação do mal que o vampiro causou em sua sociedade; portanto, no final de sua jornada cumprem a missão de destruir o monstro e assim recebem sua redenção, deixando para trás seu legado de coragem e determinação. (RODRIGUES, 2008, pg. 94)

Assim, o romance de Bram Stoker apresentou uma crônica vampírica que ratificou e rotulou o estereótipo do Vampiro Romântico, mas com uma forma de escrita totalmente realista. Expos os dois lados. Ou seja, Stoker criou o estereótipo máximo do vampiro para a época, um híbrido exato entre modernidade e passado, o ser impecavelmente adaptado. O monstro perfeito!

Depois dele, o que vemos foi o vampiro aprisionado e esquecido dentro de uma sociedade moralista.

### **3. Um mito contemporâneo, reproduzido, enraizado e romântico.**

Após a fixação do estereótipo do vampiro, em torno das características do romance *Drácula* de Bram Stoker, e, posteriormente com o advento do cinema no final do século XIX e início do século XX, o que foi produzido foi um uso contínuo desse modelo vampírico. Suas características, realistas e românticas, bem como seu estereótipo físico acabam por serem reproduzidos, copiados e adaptados, seguindo sempre as características de cada geração, dessa forma o vampiro foi adaptado ao período que estava sendo reproduzido.

Nesse sentido, ainda com características românticas, a estética do Expressionismo Alemão (século XX) foi utilizada para trabalhar com o imaginário sombrio e ser o pano de fundo do cinema da época, sendo visto como um filme de segunda, uma temática ultrapassada e um monstro apenas do imaginário coletivo. Entretanto, foi fundamental para a consolidação do mito até a atualidade.

O próprio diretor Murnau, na tentativa de inserir o mito nessa nova tecnologia e valendo-se do clássico *Vampiro Drácula* de Bram Stoker, criou seu filme em 1922 – *Nosferatu*. Um filme mudo que retratou com sucesso um vampiro de aparência mórbida e revoltante, mas que teve nomes, locais e personagens, e partes do roteiro, alterados frente ao original *Drácula*, pois a viúva de Stoker não vendera os direitos autorais.

Surpreendente foram os recursos para criar a atmosfera de terror utilizado em *Nosferatu*, que, sem muita tecnologia e, um filme mudo e em preto em branco, construiu uma aura de terror, suspense e medo, todos os elementos que um ambiente sombrio, baseado nas inspirações românticas, poderia ter. O mau em sua forma real foi criado, um verdadeiro vampiro clássico, um morto-vivo cruel, sombrio e esquelético. O filme ganhou uma nova versão no ano de 1979, também aclamado pela crítica, pois a releitura foi fiel ao original, dirigida por Werner Herzog, intitulada *Nosferatu: o vampiro da noite*.

Nessa febre que o cinema se tornou, o vampiro deixou de ser aquele que estava relacionado apenas com as tradições e lendas urbanas das sociedades, e passa a ser reproduzido e com várias possibilidades, mas sem perder o tradicionalismo de Stoker.

O vampiro, deixando de lado seu viés de lenda urbana transmitida de maneira oral, ou através de contos, também perdeu seu status de um ser presente nas relações sociais, do subconsciente humano, ou seu próprio lado sombrio, para ser um monstro visto, exposto nas telas.

De acordo com Benjamin, 1994 pg. 170, ao apresentar sua discussão sobre a reprodutibilidade técnica, explicou que em épocas passadas, o público vivenciava a experiência da obra como única e atrelada ao que se chama de aura, que segundo o autor "É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante por mais perto que ela esteja." Ou seja, até o advento do cinema, a obra possuía uma singularidade, era única e não podia ser representada de outras formas, era única e não reproduzível.

Assim, nas sociedades pré-modernas essas vivências artísticas, nesse caso observa-se a experiência que a sociedade tinha com a figura do vampiro associada ao ritual ou experiência religiosa, estavam conectadas às tradições orais e a relação íntima com a ideia de ser, existir. O vampiro era considerado como uma parte oculta do ser humano, um lado sombrio, ou seja, o mito era uma experiência vivida de maneira mais forte e presente, mesmo que não visual, agora, não mais está fincado em lendas, deveria ser distribuído, mas sem suas tradições originais, era deveria estar presente nos filmes de terror.

A inserção do mito nessa reprodutibilidade cinematográfica tornou seu acesso mais democrático e, por assim dizer, mais presente, fortalecendo, popularizando e enraizando cada vez mais o estereótipo do Vampiro Romântico em diferentes culturas.

O vampiro deixa de ser o grande vilão das tradições e lendas urbanas, passou a ser apenas cópia. Abordado de maneiras distintas entre o terror e o humor, o cinema legou um entretenimento que, segundo a sociologia clássica liga temas eloquentes como doença, morte, sexualidade e religiosidade ao entretenimento. No entanto, mudanças significativas no eixo mítico romântico pouco foram apresentadas. Pouco se fez, pouco se criou, apenas o antigo Drácula ainda era recriado, apareceria em cinemas, atrelado a uma sociedade que não mais existia.

Na década de 90, o romance e o terror vampírico voltam às telas do cinema com o aclamado *Drácula de Bram Stoker*, de Coppola em 1992 e *Entrevista com Vampiro*, de Anne Rice em 1994.

*Entrevista com Vampiro*, sucesso em livro e filme é considerado como o marco do ressurgimento, ou melhor, reaparição do Vampiro Romântico. Nobre ou aristocrata, com usos e costumes do passado, o vampiro, aqui representados por *Louis e Lestat*, se tornaram ícones desse retorno.

O romance retratou o vampiro como herói trágico e anti-herói, uma maneira introspectiva de ver a vida, representado pela personagem central, Louis. Anne Rice construiu uma personagem macabra, a partir de uma pessoa erudita e sensível que fora transformado por Lestat.

O que vale ressaltar foi como foram montadas as características românticas nas peles das personagens principais do filme e do livro. Mostrou-se como, mesmo sem estar explicitado, a estética do romantismo esteve presente em vestuários, hábitos, modo de se portar, contudo, adaptadas ao cenário atual.

Anne Rice propôs uma reviravolta na maneira de retratar o vampiro. As histórias são relatadas pela ótica dele, e não do ser humano. Buscou com essa nova maneira de retratar a trama criar uma identificação do leitor com o mito, ele não é mais o "outro", mas sim uma imagem projetada do EU ser humano.

Rice os humanizou com conflitos psicológicos, reflexões existenciais e afeições duradouras. O romantismo dos jogos de sedução e sexualidade passaram a serem elementos

fundamentais. Por trás dessa reviravolta fica evidente a transposição espacial e simbólica do antigo para o novo mundo, ou seja, as características presentes no Vampiro de Stoker foram aculturadas ao novo modelo, permanência e persistência, mas adequadas.

Anne Rice revelou sua influência nessa vertente do Romantismo mais sombrio, focado no indivíduo e narrativas em primeira pessoa, para assim, acentuar dilemas da alienação social e pessoal – individual. Os vampiros sempre tiveram certa nostalgia ao passado, possuíam caráter transgressor ao buscarem a perversão de valores, regras e tradições religiosas, sexuais e de moralidade preestabelecidas socialmente. Dessa forma, a autora transformou suas personagens em figuras românticas, deixando-os atraentes aos expectadores, aproximou vampiro e leitor. Esse novo conceito fixou-se nos leitores norte americano e, posteriormente, espalhou-se pelo mundo, cativando e “ganhando” novos adeptos, pelos mesmos motivos.

Assim como fora influenciada, Anne Rice influenciou e influencia os mais diversos autores posteriores a ela, seja para contradizer ou seguir seus passos. Muitos autores se valeram do caminho aberto que Rice proporcionou dentro da literatura para revelarem outros tipos de vampiros, até mais humanizados, mas, sempre, com influências do vampiro romântico, suas reflexões filosóficas sobre vida e morte, angústias, buscas por compreensão de sua existência e sentido para vida... MORTE!

#### **4. O Vampiro Romântico no mundo Contemporâneo: o mito clássico e o Vampiro Malhação**

Esse novo vampiro retornou, se adequou, se encontrou na sociedade... Se inseriu. O monstro mítico agora não mais se escondia, gosta de “viver” como um cidadão, ter direitos e deveres, se mostrar à sociedade, mas sem deixar de lado seu lado sóbrio, romântico. Um vampiro social, quase humanizado, sofrendo com sua repulsa social, não se mostrando plenamente, ainda perseguindo seu EU romântico.

O que se viu nesses novos vampiros, foi a utilização de tecnologias para enfrentar um mundo em desordem, nos casos dos filmes *Blade* e *Anjos da Noite*, vampiros que tinham que se preocupar não só em buscar vítimas para sobreviver. Uma realidade na qual, os humanos, com tecnologia aprenderam a caça-los, clãs de vampiros caçando uns aos outros, enfrentando tudo e todos. Um final de século XX bastante caótico que o vampiro humanizado teve que enfrentar.

A adequação estava plena. Utilizando armas de fogo, espadas, carros e toda tecnologia que existia para lutar... Sim, agora o vampiro também está lutando, enfrenta suas guerras contra seus inimigos e potenciais inimigos aos humanos – de monstro a protetor, defensor dessa raça que ele sempre, subjugou.

Esse vampiro, que utiliza espada, arma de fogo, arco e flecha (todos especiais para matar os vampiros), carro (apesar de ter força e velocidade superior aos humanos), vestido com roupas “da moda”, encarou seus medos e incertezas, para defender – o que se tornou irônico – a humanidade!

Um vampiro com várias características do Vampiro Romântico: discreto, isolado, temido, soturno, melancólico, com questões reflexivas em torno de seu EU, com amores proibidos, e, obviamente, sede por sangue, que, a cada momento da vida pós-moderna tecnológica, ficou escondido dentro de uma máscara social contextualizada, mas, em certos momentos, suas necessidades básicas afloravam e tomam lugar e as características latentes retomam seu lugar devido.

Duas hordas de vampiros estavam presentes nesse novo cenário a partir da segunda metade do século XX, os que deveriam consumir para pertencerem a círculos sociais e outra vertente seria a evocação do vampiro aristocrático e romantizado do século XIX. Dessa maneira, essa figura do vampiro não ficou estática, adaptando-se às novas

tecnologias. Nesse sentido a tecnologia ligaria esse ser imortal, que remonta a séculos de existência, ao período que ele está inserido.

“Vampiro malhação”, é uma expressão criada para designar o vampiro atual. Ele é mostrado e representado, segundo características oriundas do vampiro clássico romântico, mas também com aspectos inovadores. Trata-se de um vampiro que está na escola, na faculdade, possui dilemas de adolescentes, apesar de alguns com mais de 100 anos de idade. Um retrato de uma sociedade pop, com dilemas e angústias juvenis. É o vampiro romantizado, mas jovializado. Um mito inserido na cultura pop, um vampiro antigo e, ao mesmo tempo, juvenil.

Atualmente, o vampiro possui, cada vez mais, relações individualistas – anteriormente fora observado características que o ligavam a um ser egoísta, profundamente relacionadas com sua monstruosidade – um conjunto de elementos inerentes à sociedade contemporânea, que o transformaram em um ser pertencente e participante. Ser individualista foi uma parcela cultural indispensável nos processos de finais do século XX e início do XXI, um elemento cada vez mais intenso da expressividade humana.

O Vampiro Malhação bem como a sociedade, se preocupa apenas com seu bem estar, não importando se isso afetará os outros, problemas que só o humano vivenciava, egoísmos e individualismos característicos de uma massificação capitalista que virou problema dos vampiros.

Observando o mito do vampiro inserido nas mais diversas culturas, e corroborando com Chartier, 1995, sempre foi muito complicado designar o que é genuinamente do povo, pois é difícil precisar as origens sociais das manifestações culturais, isto, pois, sempre existiu uma relação de intercâmbio cultural entre os mundos e períodos. O vampiro se enquadra nesse pensamento, vivenciou diversas culturas de diversos períodos, e pela sua habilidade de adaptação, facilmente pode se tornar um mito local, ou um ser participe socialmente.

Notória percepção sobre os vampiros que se enquadraram às regras locais. O vampiro moderno, inserido na cultura popular, se tornou muito mais atraente, suave e, porque não, na moda do que os vampiros clássicos românticos do Velho Mundo, como Drácula, Louis e Lestat, o que aumentou seu apelo, principalmente entre os jovens. Ícones da cultura pop. O vampiro sempre foi um mito presente que representou um lado oculto do ser humano, a dualidade entre o bem e o mau. O Vampiro Malhação também representou o que poderia ser proibido, mas desejado.

O Vampiro Malhação é um elemento produzido nessa cultura pop que mudou seus significados, mas sem perder a essência romântica mítica. A figura do vampiro interagiu e se difundiu, pertencendo a globalização, sendo valorizado e duradouro – como o vampiro sempre foi – e se homogeneizou dentro dos diferentes significados sociais. O mito do vampiro romântico sofreu enquanto tradição, concordando como mostraram Hobsbawn e Ranger, 1984, reinvenções e invenções visando sua consolidação e continuidade frente ao seu passado, frente às mudanças do mundo moderno.

O exemplo clássico desse Vampiro Malhação pode ser visto na saga conhecida como *Crepúsculo*, que se tornaram febre juvenil. Um grupo de vampiros produto da cultura pop, mas, no entanto, mantenedores de algumas tradições românticas que provaram, mais uma vez, que a figura do vampiro permaneceu no imaginário humano. Diferente do vampiro clássico representou uma ligação com um futuro imaginário, uma ilusão do porvir. Um monstro bonzinho que transformou o medo em esperança, uma sensação cada vez maior na juventude. De alguém que representaria o lado obscuro do ser humano, o vampiro agora representaria um lado “diferente” do jovem, o da descoberta, desafio e desejos.

Suas reflexões psicológicas, semelhantes ao Drácula, circundariam na retomada de antigos padrões morais que foram perdidos ao longo de sua existência. De certa forma,

ele encontrou algumas de suas origens na década de 1980, evoluindo, se tornando um ser repleto de paradoxos e contrassensos.

Em um momento no qual existe a decadência tão discutida pelas ciências humanas em relação à moral vigente no início do século XXI; em que se observam um comportamento de agressividade e uma ausência de qualquer valor relacionado à comunidade ou à coletividade; em que avista um crescente desrespeito ao próximo – principalmente a instituições estabelecidas como família, casamento, infância e velhice –, a juventude busca cada vez mais um espaço seguro dentro de todo o emaranhado de sentidos e possibilidades que existem. (RODRIGUES, 2012, pg. 112)

Apesar de sofrer com mutações pertinentes ao tempo e espaço, o mito representa verdades locais, regionais, de grupos e subgrupo e também, do indivíduo, pois cada um concebe seus mitos como suas verdades e realidades, transformando-os de lendas em tradições a fatos.

O mito do vampiro é uma dessas formas em que a palavra mito associou-se a outro elemento fantástico – vampiro – que, juntos, trouxeram uma bagagem de possíveis estudos, praticamente ilimitada. Para Joseph Campbell, no mundo e sob todas as épocas os mitos têm florescido; da mesma forma esses mitos têm sido a inspiração viva de todos os produtos possíveis das atividades do corpo e da mente humanos. Portanto, poderia se considerar os mitos como a “abertura secreta” através da qual as energias do cosmos penetram nas manifestações culturais humanas.

Por sua flexibilidade e adaptabilidade, o vampiro, pode deixar o ser humano em primeiro ou segundo plano, pode ser um reflexo de seus medos e obscuridades ou ser um ideário, algo a ser imitado, seguido ou idolatrado. De monstro cruel a símbolo sexual.

Assim, o Romantismo se mantém presente, assim como o vampiro, adaptado e adequado, inserido dentro das mais diversas culturas. O nome da estética: Romantismo, não é mais utilizado, mas, como visto ao longo dos diversos vampiros pós-Drácula, ou Lord Byron, suas características mais profundas ficaram marcantes e emergiram quando necessário.

A permanência do Romantismo, até os dias de hoje, deveu-se muito a Stoker que, no auge do período realista, construiu um vampiro vivente do momento em questão, mas com os sofrimentos e angústias, como Stoker e Lord Byron representavam em seus mitos. Ou seja, graças a uma literatura escrita no período realista, mas com valores românticos, foi importante para que as gerações posteriores reproduzissem esse mito, esse estereótipo, mantendo as características românticas em seus enredos. *Drácula* se tornou o Vampiro Clássico Romântico, adaptável, mutável, inteligente o suficiente para perceber como que a sociedade vitoriana inglesa era. Assim pôde permanecer e conviver com seus problemas, reflexões filosóficas acerca de seu EU, vida e morte. O vampiro era uma mistura da sociedade que buscava o real com o fantástico romântico.

O Vampiro Malhação tem, hoje, a possibilidade de se tornar o novo clássico, de perdurar por longos períodos como fez *Drácula*. Hoje a sociedade pede e aceita esse tipo de vampiro herói, que dita regras, padrões, moda... Símbolos de uma nova geração que enxerga no diferente/ fantástico, um modelo interessante, por representar o jovem e adolescente, seus problemas e sofrimentos.

## Notas

1. Compreende-se por História Oral, apoiando-se em *Peter Burke, 1992*, como uma metodologia de pesquisa que se utiliza de valores como entrevistas gravadas, testemunhos dos acontecimentos, modos

- de vida. Modelo mais atraente para compreender a liberdade de escolha das pessoas comuns, suas estratégias e a maneira que elas exploram as inconsistências e incoerências dos sistemas sociais, demonstrando que, tanto em momentos de crise, ou vida cotidiana, o que conta para a construção do processo histórico é a cultura.
2. Nesse caso trabalhando com um duplo sentido, o próprio sentido darwiniano de mutar enquanto ser biológico que sofre mutações genéticas a fim de se adequar ao meio, e também no sentido de transformação social e psicológica, acompanhando o momento social que esta inserida.
  3. Criação própria do termo em alusão a bem sucedida série de televisão *Malhação*, exibida pela Rede Globo de Televisão, que mostra um universo de jovens e suas relações interpessoais.
  4. C.f. Joseph Campbell, *O herói de mil faces*. Editora Cultrix, São Paulo SP, 1997.
  5. Compreende-se por EU verdadeiro, segundo a psicóloga e escritora Patricia Gebrim em seu livro *Gente que mora dentro da gente*, 2013, é aquele que existe independente de máscaras – sociais, psicológicas, políticas, regras e padrões estabelecidos – é a verdadeira maneira de ser do indivíduo, mas como em muitos casos as regras sociais nos direcionam, com direitos e deveres, nos utilizamos de “máscaras” para fazer parte do grupo. Assim, o Eu, seria aquele ser livre de qualquer regra, dogma, lei ou padrão preexiste que nos adaptamos para viver em grupo.
  6. Em oposição ao EU verdadeiro, o EU vampiro seria o oposto daquilo que você realmente é, seu lado obscuro, que também é suprimido pelas regras sociais. Seria o momento em que o ser humano revela seus medos, iras e agressividades, em uma maneira de extravasar sobre o EU verdadeiro suprimido por máscaras sociais.
  7. C.f. Andreza Rodrigues, *História dos vampiros: Das origens ao mito moderno*. São Paulo: Madras, 2012.
  8. C.f. Andreza Rodrigues, *História dos vampiros: Das origens ao mito moderno*. São Paulo: Madras, 2012.
  9. C.f. Andreza Rodrigues, *História dos vampiros: Das origens ao mito moderno*. São Paulo: Madras, 2012.

## Referências

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1960.

ARGAN, Giulio Carlo. *A Arte Moderna na Europa: de Hogarth a Picasso*. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. *Arte Moderna*. 2ª. Edição, 2ª. Reimpressão. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

ARGEL, Martha e NETO, Humberto Moura. *O vampiro antes de Drácula*. São Paulo: ALEPH, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética – A teoria do Romance*. São Paulo: UNESP, 1993.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. Editora Cultrix, São Paulo SP, 1997.

CHEVALIER, Jean e CHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 24ª. Edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Portugal: Relógio D' Água, 2000.

ELIAS. Norbert. *A sociedade de Corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *O processo civilizador – Formação do Estado e Civilização, volume 2*. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. *O processo civilizador – Uma história dos costumes, volume 1*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994a.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da Sociedade*. 4ª. Tiragem, tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

- \_\_\_\_\_. *História da Sexualidade 1: a vontade de saber*. 17. ed. tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Os Anormais*. 2ª. Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- GOMBRICH, Ernst Hans. *A História da Arte*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Essencial: Textos selecionados sobre Arte e Cultura*. Porto Alegre: Bookman, 2012.
- GUINSBURG, J. (org). *O Romantismo*. 4ª. Edição, 2ª. Reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7 ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Identidade cultural e diáspora*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, n. 24, 1996.
- KONSTANTINOS. *Vampiros: A verdade Oculta*. Tradução: Saulo Alencastre. São Paulo: Madras, 2006.
- LAGARTO, Paula Cristina Damásio. *Os vampiros do novo milênio: evoluções e representações na literatura e outras artes*. Dissertação de mestrado em Criações literárias contemporâneas. Universidade de Évora Évora/ Portugal. 2008.
- LECOUTEUX, Claude. *História dos Vampiros: Autópsia de um Mito*. São Paulo: UNESP, 2001.
- LÖWY, Michael e SAYRE, Robert. *Romantismo e Política*. Tradução: Eloísa de Araujo Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- MARX, Roland e outros. **Londres 1851 - 1901 - A Era Vitoriana ou o triunfo das desigualdades**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, s/a.
- MASCARELLO, Fernando. *História do cinema mundial*. 3ª. Edição. Campinas/ SP: Papirus, 2008.
- MELTON, J. Gordon. *Enciclopédia dos vampiros*. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda., 2008.
- \_\_\_\_\_. *O livro dos vampiros*. São Paulo. M. Books do Brasil Ed. Ltda., 1995.
- MORAES, Eliane Robert. *O corpo Impossível: a decomposição da figura humana - de Lautréamont a Bataille*. 1ª. Reimpressão. São Paulo: Iluminuras, 2010.
- MUNIZ, Mauricio e SOUZA, Manoel de. *Vampiros na cultura pop*. São Paulo: Europa, 2010.
- NETO, Artur Bispo dos Santos. *A Filosofia do Romantismo*. Maceió: EDUFAL, 2005.
- PELLEGRINE, Luís. *O decálogo dos vampiros*. Planeta. Ano 24, n.6, pp. 44-50, 6 de junho de 1996.



- PERROT, Michelle. *História da Vida Privada: Da Revolução Francesa a Primeira Guerra*. Vol. 4. Edição de Bolso. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.
- RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; NETO-VEIGA, Alfredo. *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas*. 2ª. Edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- RAYMOND, Williams. *Cultura*. 3ª. Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Cultura e Materialismo*. São Paulo: UNESP, 2011.
- RENAULT, Alain. *Luzes e Romantismo*. Portugal: Instituto Piaget, 2001.
- RICE, Anne. *Entrevista com um Vampiro*. 10ª. Edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- ROCHER, Guy. *Sociologia Geral – A organização social*. Portugal: Editorial Presença, Coleção Universidade Hoje, 1989.
- RODRIGUES, Andrezza C. F. *Drácula, um Vampiro Vitoriano: O Discurso Moderno no Romance de Bram Stoker*. Dissertação de Mestrado em História Social. PUC-SP, 2008.
- \_\_\_\_\_. *História dos vampiros: Das origens ao mito moderno*. São Paulo: Madras, 2012.
- ROSENTHAL, Léon. *Le Romantisme*. New York/ USA: Parkstone International, 2008.
- SAFRANSKI, Rüdiger. *Romantismo uma questão alemã*. Tradução: Rita Rios. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.
- SHWARCZ, Lilia Mortiz. *Nicolas Antoine Taunay, uma leitura dos trópicos*. Catálogo Exposição MNBA, Rio de Janeiro, 2008.
- SICUTERI, Roberto. *Lilith: A Lua Negra*. São Paulo; Paz e Terra, 1998.
- SLATE, Joe H. *Vampiros Psíquicos - Proteção Contra Predadores Energéticos e Parasitas Mentais*. São Paulo: Pensamento, 2009.
- STOKER, Bram. *Drácula*. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1979.

**Recebido em 03/12/14 e Aceito em 30/03/15.**